Bernardo Guimarães na intimidade

pelo professor Carlos José dos Santos

(Transcripto do Minas Geraes, de 2 de junho de 1929).

Bernardo Guimarães na intimidade

PROFESSOR CARLOS JOSE' DOS SANTOS

Eu que, na vida, de orações ruidosas,
De glorias vans não procurarei o incenso,
Goivos, perpetuos, nenias lacrimosas,
Morte, tambem dispenso

(Cantos da Solidão)

Foi seu companheiro, durante algum tempo, em Ouro Preto, o poeta diamantino Aureliano Lessa, quando occupava o cargo de Procurador Fiscal do Thesouro Provincial. Esse astro radioso, precocemente desceu ao occaso.

Canção

A vida é curta: quem o nega?
Nem vale a pena dizel-o:
Deus a quebra entre seus dedos
Como um fio de cabello.

Ri, creança: a vida è curta,
Sonho que dura um instante;
Depois o cypreste esguio
Mostra a cova ao caminhante.

A velhice tem saudades
De suas visões passadas;
A mocidade queixume,
E só a infancia risadas.

Dizem que estando hydropico, quasi no momento de morrer, á certa Augusta manda enxugar suas lagrimas na barra das saias.

Enxuga, Augusta, tuas lagrimas
Na fralda de tua anagua
Que teu pobre Aureliano
Morre de barriga d'agua.

O dr. Pedro Fernandes, magistrado integerrimo, depois advogado, tambem, apartando-se de suas luctas, tomava a lyra e sabia cantar, na expressão do dr. Badaró: como os poetas dos Salgueiraes de Bobylonia. O poeta de Montes Claros dirige-se a Bernardo, com sentimento fervoroso, lamentando a mudez da musa dos Cantos da Solidão.

Ergue, poeta, a fonte scismadora
Desprende a vista além dos horizontes;
Aguia real nas azas te abalances
Além das serras, das alpestres fragas,
E, embebido nas liquidas alturas
Sagra essa fronte de harmania eterna
De mundos ignotos

Emquanto apenas revelaste as turbas
Os mysterios sublimes de além mundo,
Que segredo cruel, ouvido a medo
Enlangueceste a fronte sagrada
Aos fogos do Sinay.
Entretanto, que subitos prodigios!
Que oceano de luz e de harmonia
Dormente ainda n'harpa esbambeada
Como o seio de profundo espaço

—Os Orbes invisiveis—

Como já disse, Bernardo era um homem simples e aprazia-se em estar entre as creanças, estudantes. De volta do Lyceu, sobraçando muitos fivros e passando por sua porta, elle acompanhou-me.

Na porta do Saguão, de repente, era seu constume, disse-me: Carlos, Napoleão, abaixo de Jesus Christo, foi o primeiro homem— (Desconhecia o poeta a opinião de Chateaubriand sobre esse grande despota); mas, Carlos, foi por Deus castigado. Obrigou o Papa a casal-o com uma outra mulher, estando ainda viva a sua. Por isso foi parar no xilindró dos Inglezes (expressão delle). Entramos. Eu subia o primeiro, segundo e o terceiro degrau da escada e pulava em baixo e elle tambem. No ultimo pulo, os livros cahiram e houve um barulho medonho. Minha madrinha, d. Maria Catta Preta Brandão, vem furiosa e grita: O' Antonico, vem ver o que seu afilhado está aqui fazendo com seu dr. Bernardo, esses dois vadios. Corremos e ficamos debaixo da escada. Serenou, sahimos. Fomos á Cavallariça. Estava na baia o Cysne. Cavallo inteiro e fogoso, com ferragens novas. Eile disse: vamos. Tirando-lhe o cabestro o animal sahiu, saltando entre outros que alli estavam. O Catta Preta correu logo indignado, procurando saber o causador de tal negocio.

A assembléa provincial tratava de mudar o nome da freguezia de Madre de Deus do Angú.

O poeta, sabendo disso, formulou seu parecer:

Diga-me cá, meu compadre,
Si na sagrada escriptura
Já encontrou por ventura
Um Deus que tivesse madre?!
Não póde ser o Deus Padre,
Nem tão pouco o Filho Deus
Só si é o Espirito Santo,
De quem falam os judeus,
Mas esse mesmo, entretanto,
De quem agora assim se zomba
Deve ser pombo e não pomba,
Segundo os calculos meus
Para haver um Deus com madre
Era preciso um Deus femea,
Mas isto é forte blasphemia.
Que horrorisa mesmo a um padre
Por mais que a heresia ladre.
Esse dogma tão crú
De um Deus de madre de Angú
Não e obra de Christão,
E não passa de invenção.
Dos filhos de Belzebuth,

Depois de muitos versos, conclue:

Aqui vai a emenda
Que tudo redienda,
Vae aqui offerecida
Uma emenda suppressiva:
Supprime a madre que é viva,
Fica o angú que é comida.
A commissão convencida
Pelos conselhos de um padre
Que conversava co'a comadre
Propõe que desde este dia
Chama-se a tal fregueza
A do Angú de Deus—sem Madre—

Sala das commissões aos tantos de setembro (Está aguada).

Bernardo Guimarães, pouco antes de morrer, dedicou á memoria do eximio sacerdote monsenhor José Felicissimo do Nascimento os seguintes versos:

Bem poucas lousas ha que em si contenham
Cinzas mais preciosas;
Bem poucas ha que merecido tenham
Pranto mais puro, bençams mais saudosas.

A triste perda com razão deploras,
Caro amigo, do inclyto levita,
E as lagrimas sinceras que hoje choras.
Traduzem a desdita.

Minhas casa, em Ouro Preto, era defronte da do dr. Marçal José dos Santos. A' encantadora belleza de sua esposa d. Joanna Perpetua d'Oliveira Santos reuniram-se outros predicados: aprimorada educação, illustração e bondade. A sua riqueza não a incompatibilisava com a pobreza, como soe anontecer; sempre affavel e caridosa: tal era sua bondade

Era sobre tarde. O poeta Guimarães, inflado na blusa, mimo que lhe fizera Gonçalves Dias, assentou-se junnto á janella. D. Joanna chega ao piano, corre todo teclado, fere o necessario tom e começa a cantar. Reinou silencio.

Muito depois de terminado o canto, o poeta levanta-se e diz: canta divinamente aquella senhora! A doçura, suavidade e belleza daquella poesia e do canto produziram n'alma do poeta o segu'nte: A' exma. sra. d. Joanna Perpetua de Oliveira Santos.

Melodia

Era uma tarde linda, como ha poucas
Nestas sombrias terras
De nevoa eterna e ventanias roucas.
Por cima d'essas serras,
Das auras ao sabor, nuvens, douradas
Vogavam brandamente balouçadas.

Pelo pendor da serrania brava,
Do monte pelos visos
Da noite a percussora derramava
Seus magicos sorrisos:
E pelo valle a viração macia
Aroma e fresquidão a flux vestia.

Ardendo em luz no fundo do horizonte,
Como accesa cratéra,
Flammejava ao titanico Itamonte
A catadura austéra,
Engolfando no azul da esphera limpa
Entre fulgores a dourada grimpa.

E eu, tentando erguer o pensamento
A's solidões serenas
Do vasto firmamento,
Buscava allivio ao fel de acerbas penas
A cujo peso a fronte amargurada
Para o chão pendia acabrunhada.

Em vão que sobre a terra estava presa
A mente afflicta e o coração pesado
De angustias e tristeza,
Do soffrimento ao poste estava atado,
Qual Prometheu pregado á penedia,
Soffrendo eterna e misera agonia.

Em vão, a tarde, desfolhando rosas,
Sorria no horizonte,
E murmuravam auras amorosas
A bafejar-me a fronte:

Em vão, aos olhos meus se desdobravam
Do firmamento os lucidos caminhos,
Em vão, porque da terra entre espinhos,
Da phantasia as azas se entravavam,
E da tristeza o carregado véo
A minha alma roubava a luz do céo
E nem o céo trajado de esplendores,
Abrindo o seio limpido e tranquillo,
Mysterioso asylo.

A quem soffre da vida os amargores
Quem da terra o mystico remanso.
Mago silencio que interrompe apenas,
Sussurro da folhagem, que de manso
Estremece ao passar de auras serenas
Nem o vago murmurio intercedente
Que em fremitos sonosos
Na voz dos écos morre docemente,
Bem como notas de celeste choro,
Perdidas pelo espaço
Ou prece suavisava,
Que timida interrompe a cada passo
Aos pés do altar a virgem lacrimosa,
Nada, nada podia
Arrancar meu espirito abatido
Da voragem sombria
Em que submergido
Da dor o austero braço o comprimia.

Qual a fraca avezinha se debate
Entre as malhas da rêde que a tortura,
E em vão as azas bate
Erguer-se ao céo a triste em vão procura
E quanto mais forceja e se exaspera
Mais a infeliz se enleia e se lacera,
Assim entre cuidados e amarguras
Minha alma attribulada,
Se afogava no fel das desventuras
De vida afadigada
Em vão pedia ao céo um raio apenas
De p z e de bonança,
Que lhe ameigasse as mal soffridas penas,
E lhe entreabrisse as flores da esperança.
Subito—quando já por sobre a terra
Mais profunda mudez se derramava
Ouço gemer harmonico teclado
Em morbidos harpejos,
Suave como arrulho enamorado
De pombos entre beijos,
E uma voz de mulher,—que voz tão linda!
Celeste e maviosa
A meus ouvidos estremece ainda!
Cantava uma canção triste e saudosa.

Brisa suave o adejo serenando,
Em torno diffundia
As endeixas, que ao longe suspirando
O echo reduzia:

«Vem, saudade, doce amiga
De minha infancia feliz,
Quero um pranto derramar
Sobre teu negro matiz.
Vem recordar o passado
De uma existencia querida,
D'um novo mundo que tive
Quando gosei outra vida.

Saudade, doce perfume,
Vem de uma flor que já murchou
Reviver em min'alma
O que fui e o que hoje sou.»

Escutando essa vóz meiga e sonora,
Saudando a tarde em roseos véos,
Cuidareis ouvir anjo que chora,
Com saudade do céo.

Então minha alma, da prisão terrestre,
Rompeu, sorrindo, os enfadonhos laços,
E nas azas de um extase celeste
Perdeu-se nos espaços.

Ereis vós, senhora, que exhalaveis
Esses trinos de magica doçura
A cujos sons suaveis, ineffaveish
Fugiu minha amargura,
Como ao soprar a viração da aurora
Se esconde a ave que na campa chora.

E nesses sons celestes
Não podieis saber que doce calma,
Que balsamo trouxeste
Aos tristes soffrimentos de minh'alma.
Não sabe a flor que nasce em erma gruta

Si alguem lhe aspira o mystico perfume
Nem sabe o sabiá si alguem escuta
No bosque os seus queixumes.

Era d. Joanna Perpetua d'Oliveira Santos, prima irmã de d. Rosalina Catta Preta Santos, avó de Santos Dumont e casada com dr. Marçal José dos Santos, tio do mesmo Dumont.

Era irmã do dr. Lucas Catta Preta, um dos primeiros medicos do Brasil; irmã do coronel Manoel de Oliveira Catta Preta, um dos heroes que tantos e tão grandes serviços prestou na Guerra do Paraguay.

Mãe do senador Gabriel Santos, mãe do coronel Marçal J. dos Santos, mãe de d. Maria Virginia dos Santos Torres, mãe da mulher do desembargador Torres, fallecido, mãe de d. Elisa Santos Damazio, viuva do dr. Leonidas Damazio, lente da Escola de Minas, já fallecido, e de Alfredo Catta Preta Santos, fallecido; mãe do dr. Joaquim d'Oliveira Santos, fallecido, de d. Clotilde Santos, mulher do dr. Altivo Halfeld, fallecida em Juiz de Fóra, irmã de d. Gabriella Catta Preta, mulher do dr. Pedro Versiani, de Montes Claros.

Tive a felicidade de quasi meio seculo conviver com d. Joanna, a qual me ligavam, além dos laços de parentesco, por seu paes — Catta Preta, e pelo lado de minha mãe, que era da familia Bretas, minha mulher, filha do capitão Januario Rocha, tio do senador Rocha Lagoa, era sua parenta e afilhada.

Cultuar o passado e trazendo com veneração a lembrança dos auxiliadores da formação do caracter da geração passada, como o dr. Marçal J. dos Santos e d. Joanna e outros a parentes da futura geração, é um imperioso dever de todos que amam sua patria.

A "Reforma" — jornal que se publicava no Rio de Janeiro — assim se exprime: Si ha um romancista e poeta que seja apreciado pelos seus contemporaneos com a mais justa razão, é sem duvida o auctor do Seminarista e de Jupyra.

Bernardo Guimarães é uma das individualidades mais poderosas que possue a literatura nacional: quasi todos os seus romances passam-se nas nossas provincias interiores; são as bellezas das mattas, a grandeza dos rios, o esplendor e a magnificencia da natureza, os habitos simples e honestos dos nossos roceiros, a vida silvestre do Brasil, que escolhe para assumptos de seus romances. As poesias, diz ainda, de Bernardo Guimarães respiram perfumes, têm tanta belleza, tanta imagem pomposa, um tal enthusiasmo por tudo quanto fala ao coração e ao bom gosto artistico, a harmonia a mais perfeita, dominando constantemente a rima, suavidade e melodia as mais agradaveis, soando sempre aos ouvidos, dão aos versos do bardo mineiro um cunho e relevo taes que, com certeza, o elevam á altura maior a que jamais tenha attingido poeta algum nacional.

Das Ephemerides Mineiras — De 1852 a 1858.

Bernardo Guimarães occupou o cargo de juiz municipal de Catalão e o de professor de portuguez, rethorica e theologia do Lyceu Mineiro.

Com grande habilidade, muita notoriedade adquiriu como redactor de um jornal — Actualidade, — fundado pelos drs. Farnèze e Lafayette Rodrigues Pereira. Entre trabalhos de critica literaria, destacam-se os que escreveu, analysando, com rigor excessivo, as obras do dr. Joaqnim Manoel de Macedo. Poucos annos depois, veiu para Minas e casou-se.

O primeiro de seus livros publicados, em nosso desautorizado conceito, seu melhor e mais duradouro padrão de gloria, foi a collecção de poesias editadas em 1853 em S. Paulo, sob o titulo — Cantos da Solidão, que teve a segunda edição em 1858, accrescentada de novas poesias. Em seguida, poesias editadas em 1858 em Paris, pela Casa Garnier. Novas poesias — Rio de Janeiro, 1870. Inspiração da Tarde — 1858. Romances: — Seminarista — romance brasileiro; Folhas do Outomno — Rio de Janeiro, 1883; O Indio Affonso — A Escrava Isaura; O Pão d'oiro; A Ilha Maldita; O Garimpeiro; Mauricio ou os Paulistas, em S. João d'El-Rey (2 vol.); Rosaura, a engeitada e Historias e Tradições da Provincia de Minas. Como se vê desta resenha, o poeta Bernardo Guimarães foi, como romancista, ainda o mais fecundo. Ha, sem duvida, em seus romances merecimentos incontestaveis e paginas bellissimas, em que descreve a natureza ridente e grandiosa de nossa terra, as paizagens de nossos sertões que elle viu e poude mirar em suas viagens pelo extremo Oeste de Minas; as scenas e quadros da vida interior, traçados com animação e luz a côr local que lhes dão encantadora naturalidade. Mesmo ahi preponderam a imaginação brilhante, o sentimento fecundo do poeta que elle foi sempre sob qualquer aspecto que se considere o seu talento, sejam quaes forem os generos a que se filiem pela forma as suas producções literarias o nome de Bernardo como romancista.

O nome de Bernardo Guimarães, como romancista e como poeta, tem a consagração dupla da popularidade e dos encomios de auctorizadas criticas literarias. Basta-nos, a este respeito, citar o dr. Sylvio Romero (Historia literaria brasileira), que, com muitos e francos elogios, expressou-se assim sobre o illustre e saudoso mineiro Bernardo Guimarães... "é uma das figuras mais imponentes de nossa litteratura. O intelligente mineiro em seus versos e em seus romances, é uma das mais nitidas encarnações do Espirito Nacional." Diz mais: "Quem acha algum interesse em tudo que é humano, em toda e qualquer manifestação da vida de um povo, pode e deve ler nos romances do mineiro, quadros por todos elles esparsos. A vida foi-lhe um canto perenne a brotar-lhe melodioso da alma illuminada. Do berço, assignalou, em estrophes, pegadas de sua peregrinação, scintillantes e indeleveis." O dr. Carlos de Laet — Microcosmo — Jornal do Commercio de 16 de março de 1884, diz: Poeta Bernardo Guimarães manifestava a doçura de sua indole, por extremo pacifica e boa, mas tambem soube com versos revelar-se pensador profundo. Romancista, proveitosamente explorava as tradições, de sua provincia natal e bem sabia retratar os costumes, nacionaes prestando valioso concurso de sua penna para tornar sympathica uma raça opprimida.

A morte, portanto, como a de Bernardo Guimarães, si em todo paiz, onde se estima a literatura, seria motivo de justificadas tristezas, como não seria entre nós, onde tanto escasseiam os cultores das boas letras?

Aquelle bravo, que valia por muitos, merece mais do que os prantos que derramam, quando um homem desce ao tumulo. Com a morte de Bernardo de Guimarães, não foi um soldado que predemos: foi uma legião.

Diz Silvio Romero: O romancista em Bernardo Guimarães é merecedor de attenção pelo caracter nacional de suas narrações, pela simplicidade dos enredos, pela facilidade do estylo. O escriptor mineiro pode ser tomado como um documento para estudar-se as transformações da lingua portugueza na America.

Tomando-se Gregorio de Mattos nos meiados do seculo XVII, Taques no meiado do seculo passado, e o novo mineiro no meio do seculo actual, temos o thermometro certo da alterações e transformações progressivas da lingua portugueza no Brasil.

Hymnos festivos, odes heroicas ou melancolicas endeixas, a poesia foi a vida de sua alma, o sonho de seus dias, a vigilia de suas noites solitarias. Ella bafejou-o nas faixas de suas manhãs primeiras, imprimindo-lhe o beijo da inspiração, signo de seus predestinados.

Da juventude á virilidade, engrinaldou-lhe o busto de palmas entre applausos das multidões fascinadas. Alfim, sombra inseparavel depoz-lhe sobre a fronte lacrimosa a ultima de suas corôas, a corôa da immortalidade na morte! O poeta exhala o derradeiro alento; naquella harpa já sem cordas só restava um écho funebre e dorido. Como o adeus supremo do espirito que alou-se entre reminiscencias de quanto amara e o prendera na terra esposa e filhos, patria e gloria, esperança e saudades.

No faustissimo dia 15 de agosto, consagrado á triumphante Assumpção de Maria Santissima, nasceu na formosa Lisboa o padre Santo Antonio, gloria de Portugal.

No dia 15 de agosto nasceu Bernardo Guimarães, gloria brasileira. Com veneração, no edificio, na casa, em que mão amiga conservou por muito tempo, retirada da praça publica, a cabeça do grande brasileiro Joaquim Xavier Tiradentes, nesse mesmo logar, deu o ultimo suspiro Bernardo Guimarães.

Duplo motivo para que esse duplamente historico edificio não desappareça na vetusta cidade, theatro de acontecimentos que lhe dão direito a toda veneração e respeito.

Ainda disse a "Reforma", jornal do Rio de Janeiro: O Maranhão orgulha-se de possuir Gonçalves Dias, e a provincia de Minas deixa em olvido um seu poeta, a quem a posteridade ha de fazer justiça".

Bello Horizonte, 10 de abril de 1929.

Carlos José dos Santos

(Do Minas Geraes, de 2 de junho 1929)

OURO PRETO

pelo mesmo professor

(Transcripto do «Minas Geraes», de 16 de junho de 1929)